

A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL NA SALA DE AULA E AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS DE ESCOLA QUILOMBOLA: OLHARES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA

Érica Cibelle de Sousa Araújo (UEPB)
Marcila de Almeida (UEPB)

Universidade Estadual da Paraíba
erica.cibelle@hotmail.com
marcillaalmeida@hotmail.com

Resumo: No contexto da escola quilombola torna-se fundamental empreender discussões sobre a questão racial, com crianças do ensino fundamental, uma vez que mediante o fato dos educandos pertencerem a um quilombo, é fundante que estes discutam sobre suas percepções de negritude a partir de suas experiências locais. Durante muito tempo a etnia negra foi negada na sociedade brasileira e a visão que se tem de quilombo se naturalizou-se como aquela que remonta ainda ao de Palmares. É importante, trazer a afirmação comunitária na criança quilombola na escola, para que esta construa sua identidade étnico-racial. Verificamos que ainda prescinde uma formação continuada com docentes que atuam em escolas de quilombo, para que estes ao trabalharem com crianças negras e não negras busquem retratar elementos que se reportem a identidade. O propósito deste artigo é empreender reflexão sobre a formação de professoras que atuam em escola de quilombo. Nosso objetivo é refletir sobre a prática docente, a partir da formação continuada, na relação pedagógica de professoras de uma comunidade quilombola, localizada em Alagoa Grande-PB. Desenvolvemos este estudo a partir de CANDAU (2015), MOREIRA & CÂMARA (2008), GOMES (2008), como também, discussões acerca da Lei 10.639/03. Metodologicamente, nos baseamos na pesquisa bibliográfica e exploratória, tendo como instrumento de análise questionário aplicado com professoras que atuam em escola de quilombo. Compreendemos que é necessário que o/a professor/a que atue nessa comunidade tenha uma formação com a temática étnico-racial, pois fazer formação na temática, torna-se importante que toda a equipe docente esteja articulada com as questões raciais voltadas às populações negras.

Palavras-chave: Formação continuada, Étnico-racial, Identidade quilombola.

INTRODUÇÃO

A educação quilombola no Brasil há muito precisa de mudanças, seja em seus conteúdos, seja em níveis metodológicos dos profissionais da área, seja ainda em políticas públicas de incentivo à educação. Na verdade há necessidade de aperfeiçoamento em todos estes quesitos, principalmente nos desafios que precisam ser superados. A educação oferecida aos moldes das escolas públicas, muitas vezes está condensada a partir de práticas enraizadas em um sistema educacional fadado ao fracasso por levar em consideração, essencialmente, planos e/ou estratégias para necessidade imediata, voltada aos aspectos do mercado, posto que o neoliberalismo impera, ou ainda priorizando a socialização dos conteúdos universais, postulados como qualidades de ensino. Inúmeros são os desafios que diariamente acompanham a jornada da educação no Brasil, vão desde o material pedagógico básico (giz) aos mais modernos aparatos interativos que motivacionam às práticas escolares, indo de encontro às transformações estruturais da sociedade até a reinvenção da escola repensando seus espaços, como sugeridos por Candau (2015, p. 37).

No que concerne à precarização do trabalho docente percebemos que diversos fatores podem prejudicar a dinâmica do ensino-aprendizagem. Uma má formação acadêmica, por qualquer que seja a circunstância, é o ponto crucial para a precarização. Se acompanhada da falta da formação continuada, (aqui compreendida como considerável, que prioriza as práticas existentes e as contextualiza com bases teóricas sólidas de caráter reflexivo e interdisciplinar), contribui significativamente para o insucesso do trabalho em sala de aula. Porém, há educadores que têm essas formações, no entanto, suas práticas em sala seguem defasadas, cansadas, fora da realidade do alunado.

Contudo, passam a surgir questionamentos de como esse trabalho é constituído e desenvolvido nas escolas, em especial, nas quilombolas, já que essa temática é tão presente nestas localidades e trabalhadas, ou não, de modo significativo que contemplem as características físicas e pessoais do lugar em seu pertencimento local. Segundo Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”, desse modo, torna-se fundamental empreender discussões sobre a questão racial na Educação Básica a partir de suas experiências locais, para a afirmação comunitária na criança quilombola na escola, para que esta construa sua identidade étnico-racial. Assim, com o objetivo de refletir sobre a prática docente, a partir da formação continuada, na relação

pedagógica de professoras de uma comunidade quilombola, localizada em Alagoa Grande-PB, é que partimos da aplicação de um questionário no intuito de percebermos como ocorre a prática docente envolvendo as questões étnico-raciais, sob os olhares da formação continuada desses professores acerca da Cultura Afro-brasileira e africana.

METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado uma conversa informal com o corpo docente de uma escola quilombola, no intuito de conhecermos aspectos gerais da comunidade escolar como um todo, bem como, o contato mais direto do Projeto Político Pedagógico da escola. Logo, partindo de estudos baseados a partir de CANDAU (2015), MOREIRA & CÂMARA (2008), GOMES (2008), como também, discussões acerca da Lei 10.639/03, a pesquisa bibliográfica e exploratória foi realizada com cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º Ano, da Escola Firmo Santino da Silva na comunidade de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB.

Para a descrição do desenvolvimento desta pesquisa, a classificamos como abordagem qualitativa e bibliográfica dos principais documentos que regem a inclusão da Cultura Afro Brasileira em sala de aula como conteúdo curricular, de natureza aplicada, do tipo exploratória, por meio de análise de materiais existentes sobre a temática, bem como, dos resultados dos questionários coletados, no intuito de perceber a visão de cada um sobre questões étnico-raciais, já que estes tem o conhecimento maior sobre seus alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do questionário proposto, nos norteamos em questões que proporcionassem um caminho para que as professoras se sentissem a dispor de seguir em suas respostas, utilizando de sua experiência em sala de aula. Em uma das questões, inicialmente, foi com relação à formação acadêmica, a turma em que atua na escola quilombola, bem como, a raça/cor, a qual se considera e, ainda, mais especificamente retratando as questões étnico-raciais, procuramos investigar acerca da formação a partir da temática racial na perspectiva do povo negro obtendo as seguintes respostas:

FORMAÇÃO ACADÊMICA – TURMA - RAÇA/COR

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Pedagogia	Pedagogia	Magistério	Geografia	Pedagogia
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Parda	Preta	Parda	Parda	Preta

FORMAÇÃO A PARTIR DA TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM
CURSO DE EXTENSÃO	-----	-----	CURSO DE EXTENSÃO	MINICURSO

Diante desse retorno, percebemos o quão importante uma formação continuada para os professores, pois é a partir daí que se sentirão mais seguros e capacitados para lidar com toda e qualquer tipo de situação, seja em sala de aula, ou fora dela. Logo, “a problemática da formação continuada de professores/as adquire [...] relevância e destaque [...] especialmente no ensino básico [...] repensar a formação tanto inicial, como continuada” (CANDAUI, 2015, p.41), pois o que percebemos é que as políticas públicas estão sim expostas para serem seguidas, pelo menos o que dizem na teoria, mas não de modo condizente na prática.

Em outras questões, passamos a tratar sobre o trabalho voltado às questões étnico-raciais na escola e como cada professora aborda tal temática, como também, a importância de se discutir com as crianças na comunidade quilombola, logo, obtivemos os seguintes dados:

**NA SUA ESCOLA VOCÊ JÁ TRABALHOU (OU TRABALHA) SOBRE AS
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS? COMO?**

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Não trabalhei, pois é meu primeiro ano na escola	Ainda não.	Ainda não trabalhei	Trabalhei um ano [...] meu trabalho foi mais na direção ou lecionando no Fundamental II	Sim. Com projetos na Semana na Consciência Negra, onde é trabalhado durante todo ano e culminado nessa data

**PARA VOCÊ, QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE DISCUTIR A TEMÁTICA
RACIAL COM CRIANÇAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA?**

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Muito importante.	Importante, porque a criança cresce consciente das raças existentes no mundo, podendo assim descobrir uma forma de respeitar cada uma.	De suma importância, pois são esforços que não apenas se somam na luta contra o racismo, como também, na consolidação da democracia.	Muito importante, pois os alunos precisam conhecer e valorizar a cultura negra, as suas origens.	De suma importância para que a criança quilombola firme sua identidade se identificando como negro e não tendo vergonha de suas raízes.

Desse modo, percebemos que quando falamos de igualdade, referimo-nos aos diversos aspectos: de gênero, raça, etnia, classe social, só que na realidade a diferença é mais evidente no ambiente escolar, na vida do aluno/professor/comunidade, do que até a própria igualdade. Este processo dá-se como uma espécie de dualismo. No entanto, a escola tem a capacidade de reconstruir, através de processos educativos, essa polissemia por meio de atividades e estratégias pedagógicas que auxiliem o professor para melhor lidar com tais aspectos em sala de aula, desde o reconhecimento do que somos até as relações interpessoais dentro da coletividade, pois “podemos sensibilizar nosso/a aluno/a para o caráter multicultural de nossa sociedade, para a urgência do respeito ao outro, para a percepção e para o questionamento dos fatores que têm provocado e justificado preconceitos e discriminações.” (MOREIRA & CÂMARA, 2008, p.46)

Todavia, antes de pensarmos em reconstruir esse pensamento em nossos alunos, precisamos ver esse trabalho em prática com nossos professores (inclusive nós), que na grande maioria enfrentamos dificuldades não só na falta de formação e informação, mas também, nos aspectos ligados à escola; falta de estrutura e recursos, número excedente de alunos numa mesma sala e até mesmo um acompanhamento diferenciado como aporte ao seu trabalho, para assim, obtermos progresso. Logo, “apesar de decorridos quatro anos após a sanção da Lei 10.639/03 [...] ainda encontramos muitas resistências de secretarias estaduais, municipais, escolas e educadores (as) à introdução da discussão que ela apresenta.” (GOMES, 2008, p.69)

Ao decorrer das questões, procuramos investigar sobre as dificuldades de se trabalhar a temática do povo negro, bem como, as ações realizadas para abordar a temática étnico-racial com as crianças da própria escola quilombola, pois o que percebemos diante deste cenário, é que “a escola sozinha não dá conta de tudo, mas nem por isso ela deixa de ser responsável nesse processo [...], ela é uma instituição formadora e ocupa um lugar de relevância social e cultural, juntamente com outros espaços em que também nos educamos.” (GOMES, 2008, p.87). Veremos a seguir os dados decorrentes para esta análise:

QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ SENTE AO TRABALHAR A
TEMÁTICA DO POVO NEGRO COM AS CRIANÇAS NA ESCOLA?

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Acredito que não terei dificuldade.	Não é necessário nem trabalhar, basta uma criança de cor negra na sala de aula para se enfrentar a dificuldade porque as próprias colegas a chama de negra.	A falta de respeito, educação e consciência mediante ao tema trabalhado.	Eu não sei se é dificuldade, mas acho que a escola precisa traçar um cronograma para que essa temática seja trabalhada o ano inteiro.	Não sinto dificuldade de trabalhar, visto que, já estão no 5º Ano e já trabalho com eles há 3 anos sempre tentando conscientizá-los.

QUAIS AS AÇÕES REALIZADAS POR SUA ESCOLA E/OU COMUNIDADE
QUILOMBOLA A RESPEITO DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS?

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Sei que deve ter muitas ações, porém como sou nova na comunidade não as conheço.	Até o momento não tive contato com a comunidade a esse respeito.	Palestras, seminários e eventos nacionais de várias formações acadêmicas.	No período que trabalhei em 2016 foi desenvolvido o projeto Ler em Família.	Projetos de leitura.

No que vimos, algumas professoras discutem as questões étnico-raciais, através de projetos escolares, com dramatizações, textos informativos, palestras que envolvem, de certo modo, toda a escola. Porém, há circunstâncias específicas tratadas por cada disciplina e não de modo contextualizado ou interdisciplinar. Em outras situações, abordam estes temas apenas em datas comemorativas, a fim de cumprir atividades, deixando de lado o mais importante que é a construção da identidade do educando, deixando muitas vezes de enxergar a “possibilidade de construção de projetos pedagógicos interdisciplinares nas escolas” (Lei 10.639/03).

Para encerrar, fomos mais a fundo e questionamos a respeito de suas visões acerca da suficiência da formação que obteve até o momento para trabalhar essa temática em sala de aula, em especial, numa escola quilombola, logo, foi daí que vimos que a grande maioria percebe que depende de nós para alcançarmos nossa formação e informação naquilo que estamos propostos a agir em sala de aula, como vemos a seguir:

VOCÊ ACHA QUE A FORMAÇÃO QUE OBTIVE ATÉ O MOMENTO É O SUFICIENTE PARA TRABALHAR ESSAS TEMÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS, IDENTIDADE DO ALUNO, CRIANÇA NEGRA E NÃO NEGRA EM SALA DE AULA, NUMA COMUNIDADE QUILOMBOLA? O QUE ACHA QUE PRECISA NESTE MOMENTO PARA TORNAR ESSE TRABALHO AINDA MAIS EFICAZ?

PROFESSORA A	PROFESSORA B	PROFESSORA C	PROFESSORA D	PROFESSORA A
Minha formação não foi o suficiente, acredito que a prefeitura deveria realizar formações, já que a cidade tem ex-escravos.	Do empenho de todos que fazem a educação.	É preciso muito mais para fazer esse trabalho ainda mais eficaz: a união dos poderes públicos, apoio de representantes de movimentos, formação de políticas públicas, etc.	Foi o suficiente a formação que eu tive. A única coisa que está faltando é por em prática o que aprendemos.	Acredito que nunca estamos prontos o suficiente, precisamos está sempre procurando informações que melhorem nossa prática, seja por meio de cursos, palestras ou outros meios.

Nesse sentido, nós enquanto professores, devemos trabalhar de modo em que haja a inclusão do nosso aluno em sala de aula, na sociedade em si, tornando-o protagonista do processo não apenas de ensino-aprendizagem, mas também, da construção de sua própria identidade. Precisamos olhá-los com uma visão não julgadora, mas reflexiva, para entender, valorizar, reconhecer e atender às necessidades específicas não importando quais são elas, para assim superar as dificuldades e déficits existentes.

Desse modo, nosso papel enquanto professor é manter viva a relação com nossos alunos, partindo da afetividade, do olhar ao outro, de modo a enxergar suas dificuldades e necessidades. Lembramos, pois que o nosso papel, enquanto professor, não se limita apenas ensinar e educar, mas formar opiniões, construir hábitos, atitudes, valores éticos e morais, reflexões, propor trabalhos que envolvam nossos alunos com a comunidade a qual pertence, objetivando uma sociedade melhor. A caminhada é longa, árdua, mas nossa vontade de vencer e melhorar a educação de nossas escolas deve ser maior que os problemas existentes.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos questionários realizados com professoras de uma escola quilombola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, compreendemos que é necessário que o/a professor/a que atue nessa comunidade tenha uma formação com a temática étnico-racial, pois fazer formação na temática, torna-se importante que toda a equipe docente esteja articulada com as questões raciais voltadas às populações negras. Tal pesquisa possibilitou a produção de conhecimentos proporcionando a continuidade ao propósito de sondar a realidade e desvendar seus segredos, possibilitando ainda analisar uma realidade da qual nós próprios, somos agentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL (1996) LDB - Lei 9.394/96. Estabelece Leis, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana Beatriz. Educação: Temas em debate. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In. ____ **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In. MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (orgs.) **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOREIRA, A. F. B.; CÂMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In. MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (orgs.) **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.